



“Poesia em riste, a palavra insiste, a periferia existe”: Slam akewi, presença, latência e afetos em comunicação

APRESENTAÇÃO

Este zine traz um pequeno resumo adaptado da dissertação de mestrado “Poesia em riste, a palavra insiste, a periferia existe”: Slam Akewí, presença, latência e afetos em comunicação” (ver Sobre o zine ao final). O trabalho buscou investigar como as experiências estéticas no/do **Slam Akewí** (projeto de batalha de poesia falada de Viçosa e Ipatinga-MG, @slamakewi nas redes sociais) possibilitam processos educativos a partir de afetos em comunicação.

A pesquisa buscou refletir sobre experiências de produção e vivência no/do coletivo durante o período da pandemia de Covid-19; acompanhar os modos de aparência de experiências públicas do Slam, conduzindo um sarau científico-poético com poetas que participam do coletivo; e investigar o processo educacional que atravessa os encontros e vivências do coletivo de batalha de poesia falada, a partir de narrativas da experiência de participação no/do coletivo.

Como metodologia, o projeto propôs uma pesquisa com os afetos (Moriceau, 2020) no/do espaço online produzido e mediado pelo projeto de poesia, a partir da investigação de materiais didáticos e literários ligados a ele e de memórias pessoais acerca das intervenções, experiências, eventos e acontecimentos realizados na cidade.

O primeiro capítulo problematiza que, no meio das tantas incertezas, o Slam Akewí precisou se adaptar a plataformas digitais específicas, aprender mais sobre ferramentas e redes sociais que já utilizava. O ocupar os lugares foi intensamente atravessado pela tecnologia, que se mostrou um território, mesmo que tenhamos criado uma rua na internet também - nosso canto, nossa praça online - e que muitos afetos tenham sido movimentados.

No segundo capítulo, ao abrir as gavetas do que as poesias trazem, do que todas as falas dos poetas guardam, o sarau científico-poético (uma tentativa de recriar um pouco do Slam nessa dissertação)

foi uma forma de conduzir pontos importantes desde a presença dos corpos, as atmosferas latentes nos versos, a performatividade, o lugar da aparência, prestando atenção à oralidade e no diálogo por meio dos versos dos poetas com a noção de latência e atenção poética - da mesma maneira, o tensionamento do espaço público e da aparência, no movimento de ocupação coletiva que recria espaços de aparecimento assim como a importância da memória na composição da identidade e das experiências.

No terceiro capítulo, foi possível narrar o grito do Slam Akewí, este que marca momentos, indica que a poesia vai começar e é preciso fazer silêncio e prestar atenção. Nesse grito, há também transcritas algumas dimensões do coletivo: a poesia, a palavra, a insistência, a periferia e a afirmação da existência - enquanto uma manifestação cultural periférica, criada, produzida e voltada principalmente para a juventude negra e periférica, baseada na palavra falada e que possibilita um espaço mediado pela linguagem poética, principalmente no que tange à oralidade.

O Slam Akewí é tensionado enquanto experiência que se desdobrou em uma ocupação periódica das ruas, e que hoje pode ser não somente para quem faz, mas também para quem participa e frequenta, um outro espaço cultural: um lugar que refaz lugares, nos quais a educação se anuncia por afetos em comunicação.

Veja o grito do Slam Akewí

A RUA DA/NA INTERNET

O deslocamento da presença nas ruas para as redes sociais por meio de lives e publicações movimentou as noções de lugar, presença, aparência e afetos no primeiro capítulo da dissertação. Antes do contexto da pandemia de Covid-19, essas noções se desenhavam principalmente a partir dos encontros presenciais nas ruas e escolas, e depois passam a se desdobrar intensamente no ambiente online das plataformas digitais.

Assim, o Slam Akewí é pensado como **lugar que se constrói na experiência** (Tuan, p. 6, 2018):

O lugar é um centro de significado construído pela experiência. É conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem à objetificação.

Ou seja, o Slam de poesia como um **lugar que refaz lugares**, ocupa espaços da cidade, ocupa os corpos, as palavras, também como um acontecimento, um fenômeno, que mediado pela poesia marca nossos cotidianos.

Pensar os **afetos que tecemos no ambiente online**, refletir sobre nossa relação com a tecnologia, plataformas e algoritmos em níveis políticos, estéticos e éticos, foi ponto central das experiências narradas e tensionadas neste capítulo.

O **relacionar com a tecnologia** na produção das batalhas envolve nossos corpos, nossas ações e a criação se dá em contato com essas possibilidades de organizar e articular produções visuais, textuais e sonoras, na contemporaneidade e modernidade, atravessadas por máquinas diversas ao longo dos tempos.

O **aparecer** online é atravessado pela ação de ligar a câmera, por criar um perfil, seguir pessoas e ser seguido, fazer postagens, uma interação que tem possibilidades determinadas mas que pode

ser inventiva. Mas também é atravessado pelo que não aparece e porque não aparece (acessos, possibilidades, etc).

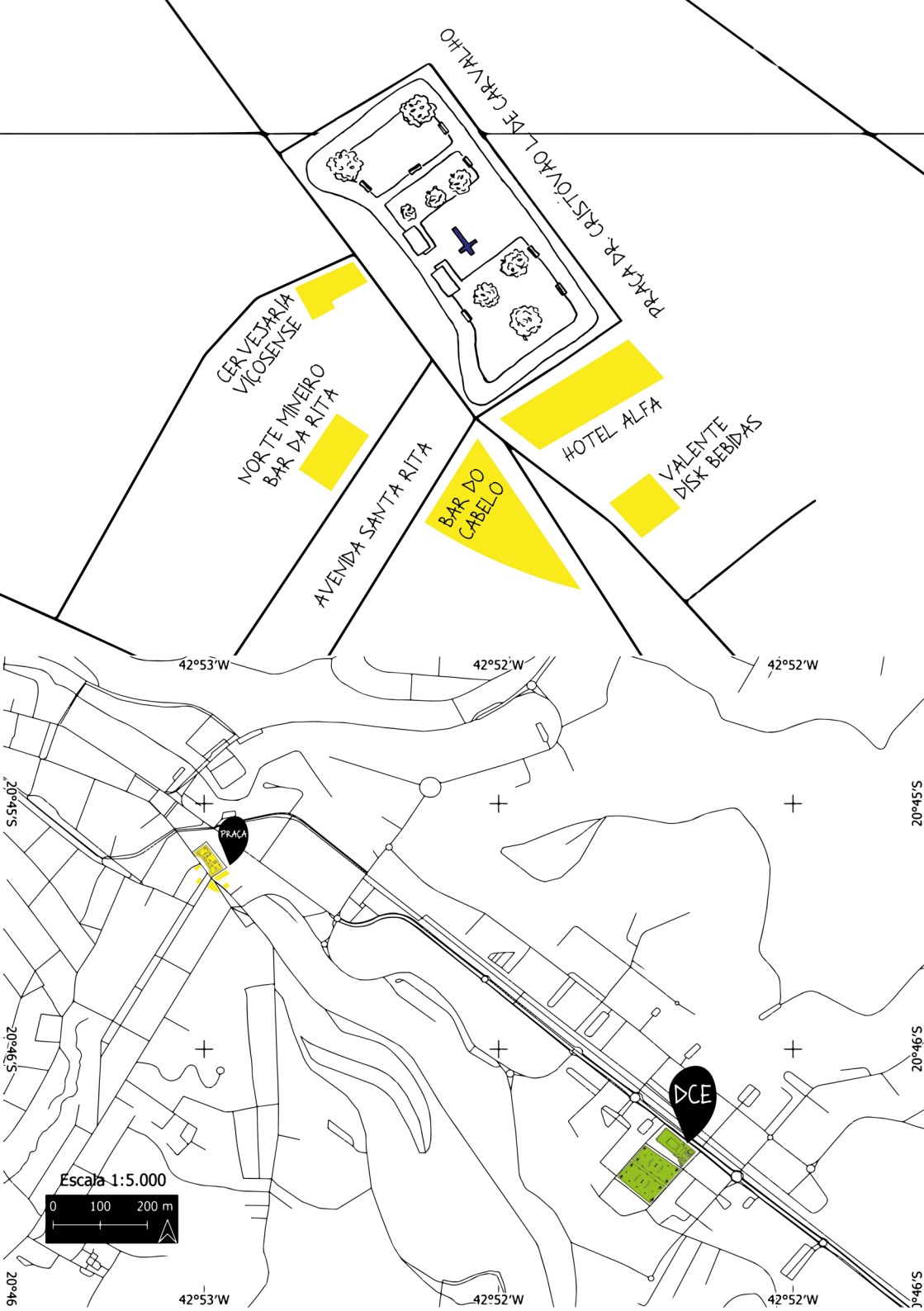
Na interação online, entre a utilização dos aplicativos e como os conteúdos são distribuídos em determinadas plataformas, o Slam Akewí traça táticas e movimentos, trazendo possibilidades da rua para as casas - em telas de computador, celular ou tv. Formas de organizar, apresentar, mediar, aprender, divulgar, experienciar novas formatos e nesse momento, únicos, de produzir uma manifestação cultural periférica, são criados e recriados.

Busher (2017) traz que diferentes situações podem ser compreendidas como parte do que ela chama de "algorithmic imaginary" (**imaginário algorítmico**), que são as formas como as pessoas pensam que os algoritmos são, ou como deveriam ser ou funcionar, e o que esse entendimento, imaginação pode possibilitar.

Cotidianamente nós vamos criando um imaginário acerca de nosso aparecimento e existência nas plataforma, enquanto propomos aparecer, como propomos aparecer, o que propomos fazer aparecer ali nos feeds, stories das pessoas, etc, sendo afetados pelo algoritmo e também afetando algumas de suas lógicas.

Foram experiências importantes, de muita presença também, mas quantas frustrações atravessaram o viver, o conectar, tão material por cabos, mas tão invisível em tantas **dimensões do ser/estar online e offline**. Encontros tão múltiplos foram possíveis, mas encontros tão locais muitas vezes ficaram prejudicados, em aspectos de acesso e condições deste local e de suas periferias, margens, das beiradas.

Os mapas a seguir ilustram lugares que o Slam Akewí ocupa na cidade de Viçosa-MG, independente da presença ou não nas ruas, **essa ocupação se desdobra também online**, na nossa página no Instagram, no perfil de amigos e poetas, nas redes que o Slam compõe nesse encontro afetivo que se faz a batalha de poesia falada.



◊ QUE ESTÁ GUMBRECHT NA FALA?

Espaço poético de encontro

No sentido semiótico, em seu imbricamento de memórias, presenças, performances e vozes, o slam como acontecimento forma um complexo texto de cultura com forças conectadas em um campo onde arte e vida social se articulam de maneira indissociável. (Nascimento, 2019, p. 204)

Na narrativa feita pelos poetas de suas próprias histórias, somos convidados a perceber e a imaginar determinado ponto de vista, e, para além disso, testemunhar relatos da realidades que colidem no Slam poeticamente, em coletivo.

No sarau poético-científico realizado no segundo capítulo da dissertação, em contato com os testemunhos dos poetas, foram muitos os afetos que colocaram em comunicação percepções sobre esse espaço do Slam de encontro poético e no que nele é performado.

Em comunicação com os poetas, foi intensa a dimensão da **voz poética**, que cria o acontecimento, configura o inacessível, mobiliza esferas a partir da **presença**, potencializa o encontro entre quem recita, quem escuta, acompanha, sente, imagina através da performance, das palavras, dos tons, timbres, alturas e ritmos da fala.

Essa presença que se tece entre os/dentro dos corpos convida a prestar atenção nos rastros, nos sentidos. O corpo do poeta ocupa espaço, uma presença se impõe, uma narrativa que mobiliza passados e futuros. Gumbrecht (2010) trabalha o **conceito de presença** e entende o ocupar e o pensar do espaço por processos que se complementam no ser, em movimento, enquanto num devir e numa oscilação entre presença e sentido.



A relação da poesia e a presentificação se dá principalmente pelo ritmo, em que as linguagens poéticas (em verso, rima, estrofe, etc), ou seja, rítmicas, interrompem o correr do tempo cotidiano, e possibilita que objetos e fenômenos do passado e futuro se presentifiquem. As poesias, assim como feitiços, trazem à tona coisas e situações do passado, e é nesse gesto que a dupla relação - entre poesia e presença, atenção e presença - constitui-se em **atenção poética** (Gumbrecht, 2016).

Nesses exercícios e modos de atenção em que podemos nos deter/ em que ficamos abertos para a imaginação, o Slam promove um processo potente em que **latências emergem nas poesias**: o processo imaginativo da atenção poética nos traz passados e/ou futuros que dizem de experiências de vida. A atmosfera de **latência** diz da existência de algo (coisas, pessoas, etc) que não conseguimos tocar, tanger ou pegar, e que tal algo ocupa um espaço, materializa-se, como uma presença de algo que está oculto (Gumbrecht, 2014).

O gesto de **aparecer e ocupar o espaço público** em situações de manifestações como ações coletivas que se constituem a partir de processos culturais e artísticos como a poesia - envolve o processo de **performatividade**. Para Butler (2018, p. 28), esse processo diz da característica “dos enunciados linguísticos que, no momento da enunciação, faz alguma coisa acontecer ou traz algum fenômeno à existência”. Há algo que se mostra esteticamente, aparece, pode ser visto, sentido.

O que está guardado na fala, pensamento que foi a ideia condutora do sarau, se mostrou desafiador de ser percebido e mobilizador também de exercício contínuo da atenção poética. Como uma colcha de retalhos compostas pelas poesias, com narrativas que compõem essa grande performance que acontece nos espaços públicos e online, o Slam se faz um acontecimento que cria condições contextuais para que se estabeleça uma atmosfera em que **arte e vida social não se separam** (Nascimento, 2019).

GRITO POÉTICO

O grito poético que ecoa pelas praças, escolas, plataformas digitais e espaços públicos é metáfora que ajuda a guiar uma abordagem ética, estética, política e afetiva das experiências de realização do Slam Akewí no terceiro capítulo da dissertação. É também condutor do mapeamento artístico dos elementos postos em comunicação na reflexão.

Dentre os elementos que ecoam nesse grito, as noções éticas, estéticas, políticas e afetivas de oralitura, ancestralidade, saberes do corpo, tempo e decolonialidade se entrelaçam com vivências no/do coletivo de batalha de poesia.

Oralitura diz de saberes de várias ordens que se grafam no corpo, a partir de alguns modos e maneiras pelas quais o gesto, a voz, as práticas performáticas ecoam no corpo (Martins, 2021). A **ancestralidade** diz respeito às várias perspectivas filosóficas africanas, de um princípio base que move a energia vital, muitas vezes em que o estético não é percebido separadamente da dimensão ética, e também ligado às práticas artístico culturais afro, que reterritorializam a ancestralidade. Práticas que retornam ao lugar da encruzilhada, com importante papel nas filosofias africanas, por ser local de fusões e rupturas, ou seja, de encontros e desencontros, de possibilidades. Nesse lugar opera Êsù, que agencia o processo de semiose, e ali constrói seu tempo e o inventa.

Muitas manifestações culturais contemporâneas criadas e recriadas, principalmente nas periferias, se compõem também enquanto **manifestações afrorreferências**, construídas com base no ritmo e na poesia, pela música, dança, artes visuais, entre outras expressões. Assim como o Funk e o Hip Hop, o Slam representa uma forma de expressão para muitos jovens, e além disso uma

possibilidade de se relacionar com o mundo, aprender e ensinar, transformar seus contextos.

A batalha de poesia falada possibilita um momento que propõe um movimento da atenção aos corpos nos espaços, quando os jovens e adolescentes se colocam a recitar suas poesias, entram em cena, **performam seus saberes e vivências**. São corpos que são constituídos por complexas articulações que se enlaçam e entrelaçam (Martins, 2021), desde os movimentos, aos desenhos na pele, grafismos e grafites, gestos e vocalidades, são **corpos-tela**.

Nesse gesto de ouvirmos uns aos outros, escutar poeticamente experiências e acontecimentos, num lugar voltado para dizer o que nos passa, o que nos acontece. Constrói-se coletivamente um ambiente em que percebemos o valor e unicidade de cada voz (bell hooks, 2013), e podemos também aprender com essas diferentes vozes, com nossas próprias vozes.

Poesia é tempo. Ritmo e Rima mobilizam uma **atmosfera temporal espiralar**, em que o tempo pode ser experimentado por meio da “reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, ...” (Martins, p. 23, 2021).

O **gesto decolonial** ressoa no Slam Akewí, acontece um encontro ancestral, de pessoas de lugares diferentes, contextos diversos, que trazem para a roda tudo o que são, muitas vezes como uma maneira de abstrair do vivido que pode ser traumático, ao ponto de quebrar nossas carnes, derrubar as espinhelas. Na batalha de poesia falada nós rimamos, cantamos, dançamos e **fundamos nosso lugar, nosso tempo, criamos uma encruzilhada**, em que encontros e intersecções de criação e conhecimento, afetam a nós e ao entorno, criamos acontecimentos.

SEMPRE UMA BATE EXPOSTA
PENDURADA NO BARRAMITE

SLAMMASTER

VEN QUE VEN QUE
VEN DE NOITE

MULA PUBLICA

JURMEDES

MARIELLE
PRESENTE



| SLAM KREW | |
|-----------|-------|
| 1ª FASE | NOTAS |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

| 2ª FASE | |
|---------|---|
| NOTAS | ↓ |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

PUBLICO ESTILOSO

NUNCA TEM A NOITE
INTEIRA FELA FRENTE

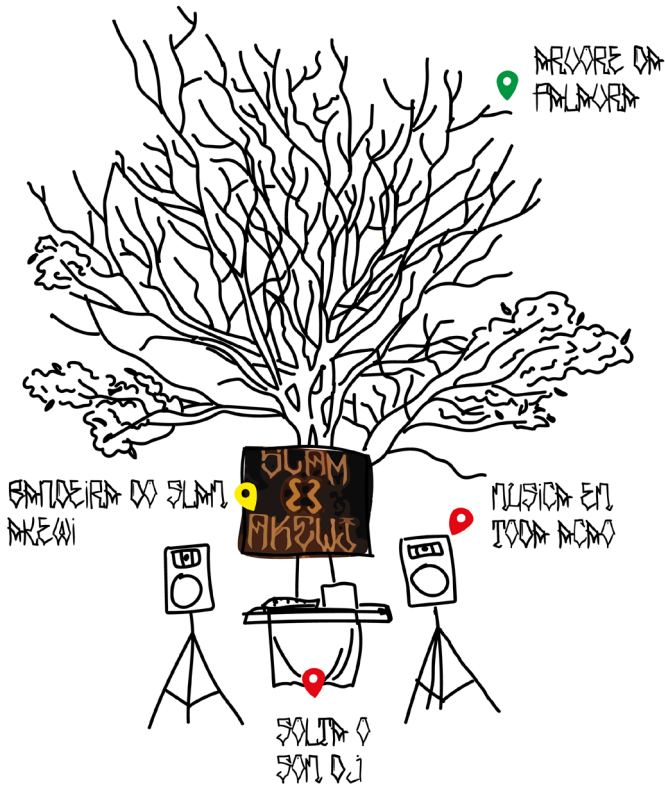
MUITO ESTILO



A BATALHA ACABA
MAS A FESTA
CONTINUA

FASSINHOS ALIMENTE
ELABORADOS EM SINCRONIA

O CUBO E PAUÇO,
FISMA DE DANÇA,
FLUTEIA...



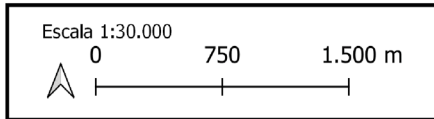
A POESIA ACONTECE



42°52'48"W

42°50'24"W

Silvestre



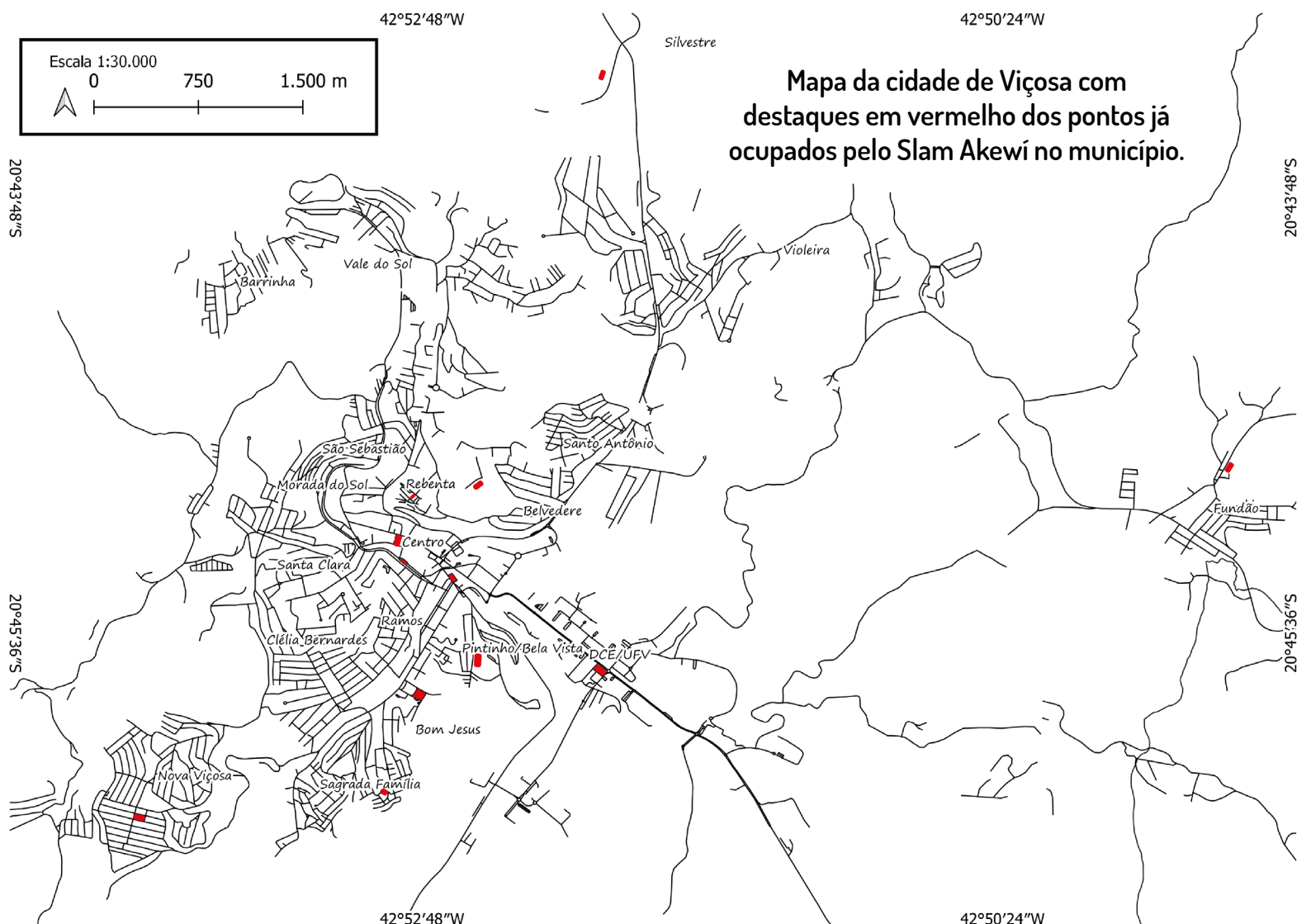
Mapa da cidade de Viçosa com destaques em vermelho dos pontos já ocupados pelo Slam Akewí no município.

20°43'48"S

20°45'36"S

20°43'48"S

20°45'36"S



42°52'48"W

42°50'24"W

REFERÊNCIAS

BUCHER, Taina. The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms. *Information, Communication & Society*, 20:1, 30-44, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2016.1154086> (Acesso em: 26/04/2022).

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Depois de 1945: latência como origem do presente*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Serenidade, Presença e Poesia*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo Martins Fontes, 2013

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORICEAU, Jean-Luc. *Afetos na pesquisa acadêmica*. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM, UFMG, 2020.

NASCIMENTO, Roberta Marques do. Teatro hip-hop como linguagem. Rebento – Revista de Artes do Espetáculo, São Paulo: , n. 5, p. 298-308 , junho, 2015.

TUAN, Y.-F. (2018). Lugar: uma perspectiva experiencial / Place: an experiential perspective. In: Geograficidade, 8(1), 4-15, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2018.81.a27150> (Acesso em: 15/09/2021).

Sobre o zine:

Zine criado a partir da dissertação “Poesia em riste, a palavra insiste, a periferia existe”: Slam Akewí, presença, latência e afetos em comunicação” de Déborah Médice Silva, sob orientação de Rennan Lanna Martins Mafra, no âmbito do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa. O material tem por intuito reunir e divulgar as principais considerações da pesquisa, assim como os mapas produzidos.



Déborah (ou Debs) é uma pessoa não binária, artista independente, graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa e mestranda em Educação na mesma instituição.
Email: debs.medisse@gmail.com

Design e ilustrações: Debssss

Base dos mapas: Marcos Vinícius Amaral da Silva

ROBŪA
EM NŪTE
A PALAVNA
WŪTE
A PALAVNA
EXŪTE